

Pensando com a Imagem

Elizabeth Orofino Lucio

Difícil fotografar o silêncio.

Fotografei o sobre. Foi difícil fotografar o sobre.

(Manoel de Barros)

Ver-as-Vidas

A Menina do Marajó Navega entre O Rio Doce e a Escrita no Notebook

Navegando entre as ruas, minhas margens ampliam-se e miram os pesos das vidas, ver-o-peso é ver-as-vidas, em um contexto histórico de país, em que narrar as condições, às quais estão submetidas as vidas, traz-nos o "peso" da *responsabilidade* e da *responsividade*, enquanto docente da universidade pública.

Do Mirante do Rio, miro a formação de futuros docentes do ensino básico, infâncias, leituras, escritas, literaturas, brincadeiras e docências na região Norte do Brasil. Região marcada pela desigualdade econômica e social, assim como nas relações étnico raciais, limitando o direito humano à educação e, conseqüentemente, à alfabetização.

Fixo os olhos entre o rio, a universidade e a mata, vejo a ilha. Lembro de Boaventura (2008) e da linha abissal e penso que preciso, junto com os alunos e alunas, mudar o lugar e o olhar com que vemos o mundo, principalmente as leituras e as escritas cotidianas das pessoas de Belém do Grão-Pará.

Deixo-me atravessar por perguntas: quais são as práticas de leitura e escrita das crianças e adultos da Ilha do Combu? As famílias de minhas alunas, provenientes de comunidades

quilombolas e indígenas, realizavam que leituras e escritas em seu dia a dia? Na região metropolitana de Belém, as leituras e escritas estão presentes por meio de quais linguagens? Da "reação de uma palavra a outra palavra" (BAKHTIN, 2011) resulta uma inquietação de quem se deixa atravessar pela experiência da docência e pela "vida que pulsa" no cotidiano.

Clarice Lispector, em seu livro "Água Viva", registra "a vida vista pela vida (...) quero escrever-te como quem aprende. Fotografo a cada instante." A água viva clareia-me e envolvo-me entre e seleção de leituras de artigos, capítulos de livros, vídeos, obras de arte, músicas e postagens na plataforma virtual. Seleciono Manuel de Barros para os momentos cotidianos de nossa leitura literária de nossas aulas encontro (LUCIO, 2016), naquele semestre, e vejo-me em seu versos "trans-vendo" o mundo. Surge então o projeto de pesquisa "*Trans-vendo* a docência: a fotografia revela leituras e escritas em Belém do Pará" .

Dias depois, navegando no Salmista6 de Belém para Ponta de Pedras, no Marajó, inicio minha primeira itinerância marítima pelo *sertão das águas*.

Entre pensamentos, paisagens em pontas e pedras, chegamos e iniciamos a navegação em terra. Caminhar pela ilha, conhecer, observar e registrar as leituras e as escritas, antes de iniciar o trabalho com os professores e professoras da ilha foi minha primeira ação pedagógica.

A praia de rio, com sua água quente, revela-nos colchões infláveis flutuantes, boiando repletos de crianças. Na orla, muitas barraquinhas e muitos sons, pois as aparelhagens estão por todas as partes no Pará. Caminho pela praia de rio e, mirando as águas quentes, o calçadão com pintura marajoara, ao dirigir-me para a areia, fixo o olhar sobre uma menina que estava sentada à beira da

praia de rio e que escrevia em um *notebook*.

A menina da ilha do Marajó, na areia da praia da Mangabeira, escrevia utilizando um *notebook*. Como poderia imaginar que, no cotidiano de uma menina residente em uma ilha, houvesse uma prática de escrita e com a utilização de um *notebook*? Pergunto-me o que será que estaria escrevendo? Por que escrevia e o que dialogava com uma pessoa adulta ao seu lado?

A menina conversava, escrevia, escrevia e conversava, eu a fitava com meus olhos e já conversava, em pensamento, com Manoel de Barros, interrogando até que ponto o ensino "das palavras" não tem servido para aumentar os silêncios.

Naquele momento, eu queria fotografar a menina, seu pensamento, suas palavras e seus silêncios, mas fotografei a existência da menina do Marajó. Menina linda que me inquieta a pensar no cotidiano (CERTEAU, 2007) das escolas, dos professores e professoras que ensinam a ler e escrever. E é como professora formadora da área que compartilho essa fotografia que subverte modos hegemônicos de pensarmos os mapas e as ilhas, ou seja, os lugares desconhecidos pelo nosso olhar e as ilhas que são criadas por concepções de alfabetização que desconsideram os docentes e as crianças como sujeitos criativos, críticos e autores de suas práticas de leitura e escrita.

A fotografia nos revela que precisamos compreender os processos de multiletramentos, capazes de fortalecer as crianças, os jovens na condição de autores e interlocutores dos e nos discursos produzidos na escola, nas mídias e na sociedade.

Nos mapas só estão as ilhas conhecidas, Saramago já nos diz que "é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não saímos de nós". Todos nós saímos da ilha e escrevemos em imagens as leituras e escritas. Coletivamente gestamos e eis que,

após seis meses intensos, acontece o nascedouro da primeira exposição fotográfica: Ver-as-vidas: as fotografias revelam leituras e escritas em Belém do Grão-Pará.

A menina do Marajó hoje está presente na sala da universidade e olha, entre o rio e a mata, os meninos da ilha do combu, divididos entre duas realidades. E ela, em seu notebook, escreve reflexões de como se ensina e como se aprende a ler e a escrever nas margens da esperança.

Sobre a autora:

Licenciada em Letras pela UFRJ, com mestrado e doutorado em Educação na linha Currículo, Linguagens e Formação de Professores pela UFRJ. Professora e Pesquisadora da Universidade Federal do Pará, da cadeira de Teoria e Prática da Alfabetização, atuando no Curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens. Coordena o Laboratório Sertão das Águas: alfabetização, leitura, escrita, literatura, formação e trabalho docente e o Fórum de Alfabetização, leitura e escrita Flor do Grão Pará.

Referências:

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BARROS, Manoel de. *Ensaio Fotográficos*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

LUCIO, Elizabeth Orofino. *A palavra conta, o discurso desvela: saberes docentes na formação continuada de professores de leitura e escrita*. Rio de Janeiro, 2016. Tese (Doutorado Educação) – FE/UFRJ. Disponível em:

<http://www.educacao.ufrj.br/ppge/teses2016/tElizabethOrofino.pdf>
. Acesso em: 30 de março de 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal*. In. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 78. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 2008. Disponível também em:

http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/Para_alem_do_pensamento_abissal_RCCS78.PDF. Acesso em: 15/3/2008.